

**AS COLÔNIAS GREGAS DO SUL DA GÁLIA (SÉC. VII – II A.C.)**  
THE GREEK COLONIES IN THE SOUTHERN GAUL (7<sup>TH</sup> – 2<sup>ND</sup> CENTURIES B.C.)

Claire Joncheray

Vol. XV | n°29 | 2018 | ISSN 2316 8412



## As colônias gregas do sul da Gália (séc. VII – II a.C.)

Claire Joncheray<sup>1</sup>

*Tradução de Lidianne Carderaro<sup>2</sup>*

*Revisão técnica de Airton Pollini e Fábio Vergara Cerqueira*

**Resumo:** O sul da Gália é caracterizado pela forte presença fócia. A colonização de tipo foceu é tardia mas é a única que se espalhou ao norte da região tirrênica; e é o fenômeno mais persistente em termos de duração, do século VII ao II a.C. Este artigo mostra como se desenvolve a implantação grega no território e as relações com as populações locais. Dos primeiros contatos, há alguns vestígios materiais nas necrópoles celtas do sul da Gália. A partir da fundação de Marselha, por volta de 600 a.C., a paisagem cultural e política se altera permanentemente. O artigo apresenta o assentamento de Marselha e o de Ólbia da Provença, uma das cinco colônias de Marselha no litoral mediterrâneo celta. Este artigo integra as transferências culturais no estudo dos processos de instalação dos gregos.

**Palavras-chave:** Gália; Importações; Aculturação; Marselha; Ólbia da Provença.

**Abstract:** The Southern Gaul is characterized by a strong Phocean presence. Even if the Phocean are the latest Greeks arrived in the Occidental Mediterranean Sea, their colonization is the only one who extended in the North of the Tyrrhenian Sea and the most persisting phenomenon from the VIIth to the IIth century BC. This paper shows the link between the Greek's settlements and the local populations. The first contacts consisted in some materials tracks in the Celtic necropolises of the Southern Gaul. From the foundation of Marseille, in 600 BC, the culture and politic area changed durably. This article presents the cultural transfers and the Processes of Greek's installation in the urban context of Marseille and Olbia-de-Provence, one of the five colonies of Marseille on the Celtic Mediterranean coast.

**Keywords:** Gaul; Importations; Acculturation; Marseille; Olbia-De-Provence.

Os primeiros estudos sobre a colonização grega no sul da Gália se concentraram na análise das redes de comércio e do material arqueológico, que marcam os contatos entre os gregos e os indígenas. Progressivamente, o desenvolvimento da arqueologia no contexto gaulês permitiu mostrar uma grande diversidade das populações que acolheram a cultura grega e seguir suas transformações sociais e econômicas (BATS, 2012; PY, 1993; GARCIA, 2010).

A partir da metade do século VII a.C., aparecem no sul da Gália as primeiras importações mediterrâneas. Este fenômeno refere-se quase exclusivamente à região de Agde (antiga Ágata), onde foi encontrada uma grande diversidade de produtos importados descobertos no material funerário da necrópole de Peyrou (JANIN, 2006; GRAS, 2004), proveniente da Fenícia, da Ibéria, da Etrúria e da Grécia. Em seguida, a região da lagoa de Berre e de Saint Blaise também se abre às trocas. A procura por metal, especialmente de estanho, que se destina à fabricação do bronze, devia ser a contrapartida dessas trocas. Progressivamente,

<sup>1</sup> Doutora em arqueologia pela Université de Paris Ouest Nanterre; Membro associada do Centre Camille Jullian, Aix-en-Provence, França.

<sup>2</sup> Doutoranda em Arqueologia Clássica pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.

as fontes arqueológicas e epigráficas, sobretudo, permitem atestar a chegada de colonos originários da Ásia Menor, de Focea ou de Samos.

As pesquisas integram hoje em dia as interações entre os gregos e as populações locais no estudo dos processos de instalação dos colonos segundo uma redefinição mais abrangente das questões mediterrâneas na antiguidade (HORDEN, PURCELL, 2000)<sup>3</sup>. Considerarei aqui as dinâmicas espaciais das cidades gregas por intermédio das mais bem conhecidas, Marselha (Massalia) e Óbia da Provença. A dinâmica das interações entre as populações locais e os gregos é estudada a partir das relações com o território e permite apresentar um esclarecimento sobre a presença dos gauleses nessas cidades.

### MARSELHA

Os textos sobre a fundação de Marselha refletem o peso da comunidade autóctone e a diversidade das populações gregas na origem dessa instalação<sup>4</sup>. A tradição literária nos chegou por meio de Ateneu de Náucratis (final do séc. II d.C.) e por Justino (séc. III d.C.). Eles utilizam, respectivamente, os textos de Aristóteles e de Trogo Pompeu, este último um galo-romano do período de Augusto. Esses dois textos explicam como os gregos, liderados por dois fundadores (Protis, ou Euxenos, e Simos), travam um acordo pacífico no litoral com a tribo dos *ségobriges*, e como criam alianças matrimoniais entre as duas populações, através do casamento entre Protis e Gyptis, a filha do rei indígena. Esses relatos sugerem, apesar do peso das reescritas, o caráter misto desde a fundação de Marselha, relacionado com a chegada de grupos de origens diversas e com a adaptação dos gregos ao meio indígena. O foco é sobre a ideia de coabitação, não apenas entre um homem e uma mulher, mas também entre os povos.

No estado atual do conhecimento arqueológico, nada permite postular a existência de um habitat indígena na zona de Marselha antes da chegada dos gregos. A região apresenta um abrigo natural ideal para os barcos, em uma enseada dotada de um riacho, o Lacydon. A cidade de Marselha é concebida assim, no início, como um *emporion*, ou seja, um tipo de porto livre.

Apesar da diversidade dos grupos jônicos na origem da fundação de Marselha em 600 a.C., a parte fócica rapidamente se torna predominante. De fato, a partir dos anos 540/530 a.C., Marselha tem um rápido aumento de sua população e uma forte expansão de seu comércio. Um novo marcador dessa atividade aparece: as ânforas de vinho marselhesas. Essas substituem as importações vinícolas etruscas e, a partir de

<sup>3</sup> Desde a publicação desse livro (HORDEN, PURCELL, 2000), as pesquisas sobre o Mediterrâneo têm a tendência de reavaliar a história das microregiões e de ver o papel do mar como um conjunto de redes. Na França, desenvolveu-se o conceito de « méditerranéisation » (mediterranização). Ver GARCIA; SOURISSEAU, 2010, p.237-245.

<sup>4</sup> Apresentação da documentação textual sobre a fundação de Marselha em ROTHÉ, TRÉZINY [et al.], 2005.

525 a.C., o mobiliário anfórico atinge o nível de 70 a 95% do total desse tipo de importação no sul da Gália, com maior ou menor rapidez conforme as regiões.

Essa nova etapa do desenvolvimento marselhês tem sido frequentemente associada com as vicissitudes históricas dos foces. A cidade de Focea, situada na Ásia Menor às margens do golfo de Smirna, foi destruída por volta de 545-540 a.C.<sup>5</sup> e uma parte da população foge para o Ocidente. É assim que um novo contingente chegaria a Marselha (GRAS, 1995). O ano de 540 a.C. corresponde igualmente à derrota fócica em Alalia<sup>6</sup>, na guerra contra os etruscos e os cartagineses. O sítio de Alalia também foi abandonado e a realocação da população favoreceu as outras colônias fócicas como Marselha e a fundação de Vélia (LEPORE, 1970; MOREL, 2006). Esses eventos conduzem a redefinição de zonas marítimas sob o controle dos foces em favor de Marselha. A partir de 540-530 a.C., a própria cidade de Marselha dinamiza o sul da Gália e obtém o monopólio da redistribuição e fabricação dos produtos que circulam no litoral gaulês. É uma cidade mercante que funda sua prosperidade sobre seu comércio e sobre o sistema de postos de comércio litorâneos. Por outro lado, sua organização urbana segue um desenvolvimento progressivo cuja imagem de irregularidade está ligada à justaposição de vários sistemas de orientação das vias<sup>7</sup>.

O primeiro assentamento em Marselha inclui vinte hectares entre o atual monte Saint Laurent e o monte dos Moinhos (des Moulins), de acordo com a abundância de cerâmica do século VI nos primeiros níveis arqueológicos dessa região. A cidade deve ter sido cercada por muros, segundo a interpretação dada à «doca» arcaica da praça Villeneuve-Bargemon (TRÉZINY, 2005). A necrópole devia se situar ao norte da cidade e os bairros suburbanos deviam ser destinados os grandes canteiros de extração de argila para a fabricação de tijolos.

A cidade teve uma expansão muito rápida. A partir do segundo quartel do séc. VI a.C. um novo bairro com plano ortogonal foi construído ao Norte, na atual rue des Pistoles, e a área funerária foi deslocada. No final do séc. VI a.C. um outro setor de habitação foi criado ao Leste, com a extensão da cidade no atual lugar da Bolsa e do monte das Carmelitas. Uma nova muralha é então construída. O período helenístico corresponde à completa extensão urbana com a criação de um novo bairro ao norte da cidade, onde ficam a atual rua Leca e o Parque dos Foces. No período romano, as construções, implantadas na forma de um leque na parte baixa da cidade, parecem alinhadas às curvas de nível da costa, ao longo de uma provável rota litorânea.

A área pública continua mal documentada, assim como o aspecto dos monumentos da cidade. A ágora devia se situar entre as duas colinas primitivas (Saint Laurent e dos Moinhos), ao nível da atual praça

---

<sup>5</sup> Destruição causada pela derrota contra os persas. N.d.R.

<sup>6</sup> Fundação fócica na ilha da Córsega, virá a tornar-se uma cidade etrusca após seu abandono, decorrente do fracasso dos foces na batalha naval contra os cartagineses. N.d.R.

<sup>7</sup> Para o estudo da cidade de Marselha, três volumes permitiram redigir este parágrafo sobre a topografia da cidade: HERMARY, HESNARD, TRÉZINY, 1999; BOUIRON, TRÉZINY [et al.], 2001; ROTHÉ, TRÉZINY [et al.], 2005.

de Lenche. Quanto aos lugares de culto, alguns vestígios arquitetônicos permitem ter uma visão parcial. Os capitéis jônicos arcaicos foram encontrados reutilizados em templos e estelas, ou *naiskoi*, e fazem pensar na existência de santuários dedicados às ninfas. Os textos evocam a presença, sobre o monte de Saint Laurent, de um templo a Ártemis de tipo efesiano, símbolo dos focos, e de um templo a Apolo. Sobre o monte dos Moinhos, devia se encontrar o templo a Atena Polias (HERMARY, TRÉZINY, 2000)<sup>8</sup>.

As áreas portuárias foram encontradas na atual praça Jules Verne. A sobreposição dos estratos apresenta os limites da cidade no final do séc. VI, um estaleiro em atividade nos séculos V-IV d.C. e uma área comercial com desembarcadouros do período romano. Os *naualia*, hangares para a frota de guerra massaliota, deviam se situar, no séc. III a.C., no setor da atual prefeitura (POMEY, 1995; HESNARD, 1994).

As colônias fócias são conhecidas por serem direcionadas para o mar e por possuírem um território de pequena dimensão. A cidade de Marselha confirma este esquema. A área periurbana é marcada pela presença de traços de vinhedos, identificados durante as escavações em Saint Jean du Désert, da rua da República e da rua Trinquet, datados pelo menos do período helenístico (BOISSINOT, 2010; TRÉZINY, 2012). No território de Marselha, também foram identificadas fazendas e uma trama vicinal por um raio de 3-4 km em torno da cidade nesse mesmo período.

No entanto, a influência de Marselha é percebida sobre os sítios indígenas em torno e sobre uma área bastante ampla. O séc. VI a.C. é marcado por um forte dinamismo do interior indígena ligado ao início das trocas permanentes, como evidencia o grande consumo das produções gregas nos assentamentos próximos a Marselha, como Baou de Saint Marcel e a colina da Tourette (BATS, 2012). O início do séc. V e o séc. IV a.C. mostram um brutal declínio demográfico nos sítios indígenas e uma concentração das populações em um território mais restrito.

A partir do séc. IV a.C. Marselha retransmite o poder econômico de uma Roma emergente, como evidenciado pela onipresença das importações de cerâmica da Campânia, mas enfrenta dificuldades comerciais. Na região do Languedoc-Roussillon, a dinâmica grega perde fôlego e o comércio se desenvolve consideravelmente com as regiões ibéricas. A região de Agde passa por uma readaptação territorial com a diminuição da importância das habitações agrupadas e, a partir dos anos 300 a.C., o sítio grego de Béziers é abandonado. Nas regiões do rio Ródano, sente-se uma forte predominância indígena no séc. IV a.C., a exemplo da colônia de Arles, chamada *Theline* em sua fundação (UGOLINI, 2010; GARCIA, 1995). A costa da baixa Provença é pouco conhecida e a ausência de lugares de poder faz com que essa área fique fora dos tráficos. A fim de integrar esses espaços em suas redes econômicas e de se proteger dos piratas gauleses, a cidade grega de Marselha se torna a metrópole de uma série de colônias estabelecidas no litoral do sul da Gália.

---

<sup>8</sup> Para pôr em perspectiva os cultos na cidade de Marselha com as práticas do sul da Gália, ver ROURE, PERNET, 2011.

O texto de Estrabão (IV 1, 5) é a principal fonte literária a descrever esse fenômeno histórico. Ele aponta, do Oeste a Leste, seis assentamentos costeiros: Ágata (Agde), Rhodanousia, Tauroeis (Tauroention), Ólbia, Antípolis (Antibes) e Nikaia (Nice), mas a data de implantação dessas colônias não é especificada nesse texto (BATS, 2009). Graças aos dados arqueológicos, é possível propor uma cronologia: a fundação de Agde em 400 a.C.; a de Tauroention no final do séc. III a.C. (localizada no Brusç à Six-Fours); a de Ólbia por volta de 340-330 a.C.; a de Antibes no séc. IV a.C.; e de Nice depois de 260 a.C. O sítio de Rhodanousia ainda não foi localizado, mas, como seu nome indica, devia se situar às margens do rio Ródano. Essas colônias são concebidas, de acordo com o texto de Estrabão, como *epiteichismata*, ou seja, fortalezas instaladas em território inimigo. Essas guarnições correspondem ao envio de cidadãos massaliotas. Elas de fato se assemelham a fortalezas como Ramnunte, Eleutheres, Oinoe na Ática e, no Adriático, Lissos ou Faros. No entanto, esta visão militar do papel das colônias do período helenístico parece bastante simplista tendo em vista as instalações identificadas pelo menos em Agde e Ólbia da Provença (BATS, 2004). A continuidade desses sítios, seu urbanismo e o status político dos habitantes convidam-nos a considerá-los também como colônias marítimas em uma aproximação com as *coloniae maritimae* romanas como Óstia e Minturno. Trata-se de fato de uma extensão geográfica do território cívico de Marselha e os habitantes permanecem cidadãos de Marselha.

A partir do séc. III a.C., a extensão da *chora* de Marselha e a exploração das vinhas marcam um *hiatus* na ocupação dos sítios próximos à cidade grega. Os conflitos se fazem sentir especialmente durante o período das Guerras Púnicas (264-146 a.C.), principalmente por causa de uma renovação demográfica: 40 assentamentos indígenas foram identificados nos departamentos de Bouches-du-Rhône (Bocas do Ródano) e de Vaucluse (Valclusa), datados entre 400 e 250 a.C., contra 86 para o período de 250-125 a.C. (ver a evolução do território em ROTHÉ, TRÉZINY [*et al.*], 2005).

## OLBIA

Ólbia da Provença corresponde a um laboratório de estudos excepcional para o conhecimento das colônias massaliotas, porque a cidade foi integralmente preservada, com exceção da parte mais meridional que sofreu os ataques da erosão marítima. A colônia de Ólbia da Provença foi fundada na segunda metade do séc. IV a.C. em um sítio virgem em um território de assentamento indígena ainda pouco conhecido. Ela se situa aos pés das colinas do Mont des Oiseaux e de Costebelle (Hyères, Var) e controla um litoral composto pelas ilhas de Hyères e da península de Giens, em um período em que o segundo *tombolo*, cordão litoral de sedimentos que fecham a laguna, ainda não tinha sido estabelecido e que uma lagoa certamente servia como abrigo para os barcos.

Ólbia toma a forma de um quadrilátero de 160 metros de lado, cingido de uma muralha por todos os lados. Uma só porta, a Leste, permite a entrada na cidade. O plano urbanístico é reconstituído graças a sondagens e prospecções geográficas: ele apresenta dois eixos orientados a Norte-Sul e Leste-Oeste, que separam a cidade em quatro bairros, estes divididos em dez blocos habitacionais. Cada quarteirão possui 11m de largura e 34,50m de comprimento. As ruas de 2,10m de largura separam cada bloco. Os lugares públicos são representados pelos santuários. A Norte da cidade, um templo devia ser dedicado a Afrodite como testemunha uma inscrição. A Oeste da cidade, em oposição à porta de entrada, se encontra o santuário de Ártemis. No centro da cidade, encontra-se a interseção das duas vias principais. Este é um local equipado com um poço monumental delimitado por um pórtico nos séc. II-I a.C.<sup>9</sup>

Um quarteirão, o de número VI, foi escavado até o nível da sua fundação<sup>10</sup>. Ele permitiu identificar os primeiros lotes habitacionais oferecidos aos soldados-colonos. Três casas de tamanhos idênticos apareceram (11 a 11,5m): elas definem, assim, casas de 126m<sup>2</sup> por família, de acordo com o esquema de casas *a pastas*, com uma galeria central que se abre para três ou quatro cômodos. As paredes são feitas de tijolos crus com junções de pedras. Alguns depósitos, encontrados nas trincheiras de fundação das paredes da casa central, mostram uma relação íntima entre as pessoas, suas casas e as atividades femininas. Várias atividades artesanais diferenciam estas casas. A casa central é caracterizada pelo uso intensivo de um forno na sala a Sudeste, conectada diretamente com a rua: é certamente um pequeno negócio culinário em atividade desde a fundação até o final do séc. III a.C. As outras duas casas são marcadas por uma forte atividade de ferreiros que se revezam em diferentes períodos da existência da divisão tripartite do quarteirão VI (BATS, 2009, p. 199-202). Essa divisão interna do quarteirão VI vem assim confirmar a imagem de uma colonização composta por cidadãos de classes modestas que recebiam uma parte igual de propriedades.

## CONCLUSÃO

Os gregos representam uma população relativamente pouco numerosa tendo em vista o conjunto do território de Gênova a Ampúrias (Empórias): eles se concentram em Marselha, cuja fundação em 600 a.C. muda de maneira definitiva a paisagem cultural e política (BATS, 1998). Os gregos se instalam permanentemente e a Gália meridional se transforma profundamente: ao longo da famosa rota Heracliana, da Ibéria à Ligúria, se criam postos comerciais em Marselha, Agde, Arles, Béziers e Empórias. Esses estabelecimentos dinamizam o litoral e suscitam a criação de novas habitações gaulesas, primeiros *oppida* que favorecem os contatos diretos entre os mercadores e os indígenas. Os gregos também deviam estar presentes em vários sítios menores, considerados como postos comerciais litorâneos com população mista

<sup>9</sup> Para uma apresentação geral de Ólbia e as escavações da área central, ver BATS, 2006.

<sup>10</sup> Em processo de publicação.

como Argentièrre, Espeyran, Saint-Gilles e Cailar, na região da Camarga (Camargue) e no departamento de Gardão (Gard), La Monédière e depois Lattes no departamento de Erau (Hérault) na Occitânia, e Pech Maho no Roussillon (UGOLINI, 2010). A difusão das produções gregas, por outro lado, é bastante vasta e leva, a partir do séc. IV a.C., à fundação por Marselha de ao menos cinco colônias no litoral mediterrâneo gaulês, de Agde a Nice. A partir do séc. II a.C., a influência muito forte dos romanos se faz sentir e Marselha perde progressivamente seu poder político e territorial.



**BIBLIOGRAFIA**

- BATS, Michel. Marseille archaïque. Étrusques et Phocéens en Méditerranée nord-occidentale. *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*, 110, 2, 1998, p.609-633.
- BATS, Michel. Les colonies massaliètes de Gaule méridionale sources et modèles d'un urbanisme militaire hellénistique. IN: AGUSTA-BOULAROT, Sandrine LAFON, Xavier. *Des Ibères aux Vénètes. Phénomènes proto-urbains et urbains de l'Espagne à l'Italie du Nord (IV<sup>e</sup>-II<sup>e</sup> s. av. J.-C.)*. Actes du colloque international de Rome 1999. Rome: Ecole Française de Rome, 2004, p.51-64.
- BATS, Michel (dir.). *Olbia de Provence à l'époque romaine*. Aix-en-Provence: Edisud, 2006.
- BATS, Michel. Le colonie di Massalia. IN: LOMBARDO, Mario FRISONE, Flavia. *Colonia di colonia. Le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e colonialismo*. Atti del convegno internazionale (Lecce 22-24 giugno 2006). Galatina (Lecce): Congedo editore, 2009, p.203-207.
- BATS, Michel *et al.* Les artisans de l'îlot VI à Olbia de Provence (Hyères, Var). IN: BRUN, Jean-Pierre. *Artisanats antiques d'Italie et de Gaule mélanges offerts à Maria Francesca Buonaiuto*. Nápoles: Centre Jean Bérard, 2009, p.199-202.
- BATS, Michel. Les Phocéens, Marseille et la Gaule (VII<sup>e</sup>-III<sup>e</sup> s. av. J.-C.). *Pallas*, 89, p.145-156, 2012.
- BATS, Michel. Greeks and Natives in South Gaul Relationship, acculturation and Identity. IN: HERMARY, Antoine, TSETSKHLADZE, Gocha R. *From the pillars of Hercules to the footsteps of the Argonauts*. Leuven-Paris-Walpole MA: Peeters, 2012, p.3-20.
- BOISSINOT, Philippe. Des vignobles de Saint-Jean-du-Désert aux cadastres antiques de Marseille. IN: TRÉZINY, Henri (éd.). *Grecs et indigènes de la Catalogne à la mer Noire. Actes des rencontres du programme européen Ramsès 2 (2006-2008)*. Aix-en-Provence – Paris: Errance, 2010, p.147-154.
- BOUIRON, Marc TRÉZINY, Henri [et al.]. *Marseille trames et paysages urbains de Gyptis au Roi René*. Actes du colloque international d'archéologie, Marseille, 3-5 novembre 1999. Aix-en-Provence: Edisud, 2001.
- GARCIA, Dominique. Le territoire d'Agde grecque et l'occupation du sol en Languedoc central durant l'âge du fer. IN: ARCELIN, Patrice (et al.). *Sur les pas des Grecs en Occident. Hommages à André Nickels*. Lattes/Paris: ADAM-Errance, 1995, p.137-167.
- GARCIA, Dominique. Territori dei *Ligures* della Grecia meridionale genesi e organizzazione. IN BERTINELLI, Angeli GABRIELLA, Maria DONATI, Angela. *Città e territorio. La Liguria e il mondo antico*. Atti del IV Incontro Internazionale di Storia Antica (Genova, 12-20 Febbraio 2009). Roma: Giorgio Bretschneider editore, 2010, p.19-29.
- GARCIA, Dominique SOURISSEAU Jean-Christophe. Les échanges sur le littoral de Gaule méridionale au premier âge du Fer. Du concept d'hellénisation à celui de méditerranéisation. IN: DELESTRE, Xavier

- MARCHESI, Henri. *Archéologie des rivages méditerranéens. 50 ans de recherches*. Actes du colloque d'Arles, 28-30 octobre 2009. Arles: éditions Errance / Ministère de la Culture et de la Communication, 2010, p.237-245.
- GRAS, Michel. L'arrivée d'émigrés à Marseille au milieu du VI<sup>e</sup> s. av. J.-C. IN: ARCELIN, Patrice (*et al.*). *Sur les pas des Grecs en Occident*. Hommages à André Nickels. Lattes/Paris: ADAM-Errance, 1995, p.363-366.
- GRAS, Michel. Les Étrusques vus de la Gaule. *Documents d'archéologie méridionale* 27, p.214-230, 2004.
- HERMARY, Antoine; HESNARD, Antoinette; TRÉZINY, Henri. *Marseille grecque 600-49 av. J.-C.* La cité phocéenne. Paris: Errance, 1999.
- HERMARY, Antoine TRÉZINY, Henri (dir.). *Les cultes des cités phocéennes*. Actes du colloque international Aix-en-Provence/Marseille, 4-5 juin 1999. Aix-en-Provence: Edisud, 2000.
- HESNARD, Antoinette. Une nouvelle fouille du port de Marseille, place Jules-Verne. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 138, 1, p.195-217, 1994.
- HORDEN, Peregrine; PURCELL, Nicholas. *The Corrupting Sea. A study of Mediterranean History*. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- JANIN, Thierry. Systèmes chronologiques et groupes culturels dans le midi de la France de la fin de l'âge du Bronze à la fondation de Marseille. Communautés indigènes et premières importations. IN: *Gli Etruschi da Genova ad Ampurias*. Atti del XXIV convegno di studi etruschi. Pise-Rome: Istituti editoriali e poligrafici internazionali, 2006, p.93-102.
- LEPORE, Ettore. Structure della colonizzazione focea in Occidente. *La Parola del Passato*, 25, p.19-54, 1970
- MOREL, Jean-Paul. Phocian Colonisation. IN: TSETSKHLADZE, Gocha R. *Greek Colonisation. An Account of Greek Colonies and other Settlements overseas*. Leiden: Brill, 2006, p.358-428.
- PAGES, Gaspard; ROURE Réjane; SALLE Valérie. Forgerons à travers les générations? La métallurgie dans l'îlot VI d'Olbia de Provence (Hyères, 83) de 325 avant notre ère à 20 de notre ère. IN: ESPOSITO, Arianna et SANIDAS, Giorgos. *"Quartiers" artisanaux en Grèce ancienne. Une perspective méditerranéenne. Archéologie des espaces économiques*. Actes du Symposium international d'HALMA-IPEL sur La concentration spatiale des activités et la question des quartiers spécialisés (Lille 2009). Lille: Septentrion Presses Universitaires, 2012, p.355-371.
- POMEY, Patrice. Les épaves grecques et romaines de la place Jules-Verne à Marseille. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* 139, 2, p.459-484, 1995.
- PY, Michel. *Les Gaulois du Midi de la fin de l'âge du Bronze à la conquête romaine*. Paris: Hachette, 1993.
- ROTHÉ, Marie-Pierre; TRÉZINY, Henri [*et al.*]. *Marseille et ses alentours*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2005.

- ROURE, Réjane; PERNET, Lionel. *Des rites et des hommes les pratiques symboliques des Celtes, des Ibères et des Grecs en Provence, en Languedoc et en Catalogne*. Paris: Errance, 2011.
- ROURE, Réjane *et al.* « Un dépôt de fondation en contexte domestique à Olbia de Provence (Hyères, Var) ». IN: ROURE, Réjane (éd.). *Contacts et acculturations en Méditerranée Occidentale, Hommages à Michel Bats*. Paris: Errance, 2015, p.99-109.
- TRÉZINY, Henri. Les colonies grecques de Méditerranée occidentale. *Histoire Urbaine*, 13, p.51-66, 2005.
- TRÉZINY, Henri. L'espace périurbain de Marseille. IN: BELARTE, Maria Carmen; PLANA-MALLART, Rosa. *Le paysage périurbain en Méditerranée occidentale. El paisatge periurbà a la Mediterrània Occidental durant la Protohistòria i l'Antiguitat / Le paysage périurbain en Méditerranée Occidentale pendant la Protohistoire et l'Antiquité*. Tarragona: Institut Catalan d'Archéologie Classique, 2012, p.315-326.
- UGOLINI, Daniela. Présences étrangères méditerranéennes sur la côte du Languedoc-Roussillon durant l'âge du Fer de la fréquentation commerciale aux implantations durables. *Pallas, Vivre en Gaule Narbonnaise* 84, p.83-110, 2010.
- UGOLINI, Daniela BATS, Michel. ARCELIN, Patrice. Établissements grecs du littoral gaulois: Béziers, Agde, Arles et Hyères. IN: DELESTRE, Xavier et MARCHESI, Henri. *Archéologie des rivages méditerranéens. 50 ans de recherches*. Actes du colloque d'Arles, 28-30 octobre 2009. Arles: Éditions Errance / Ministère de la Culture et de la Communication, 2010, p.149-164.

FIGURAS

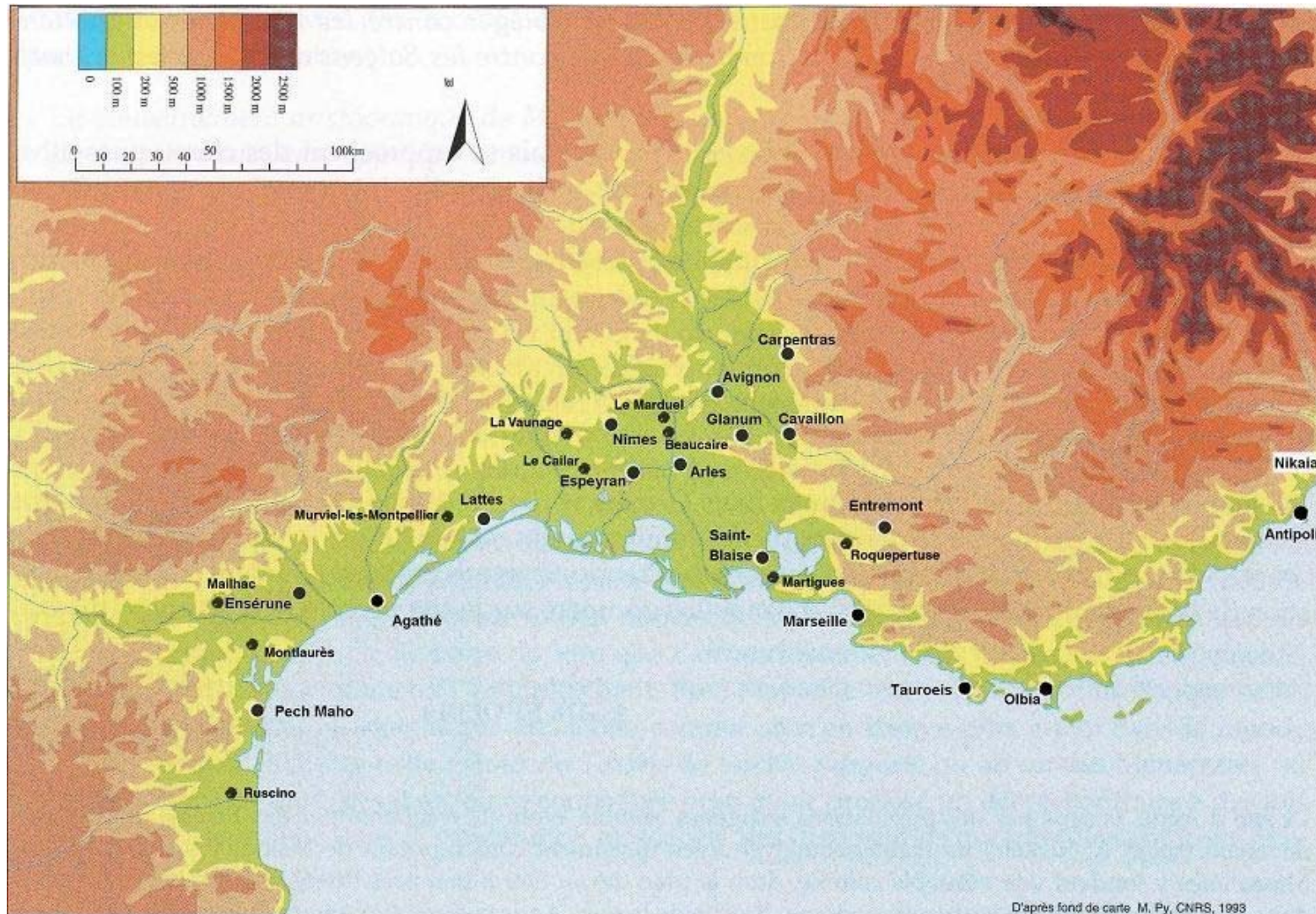
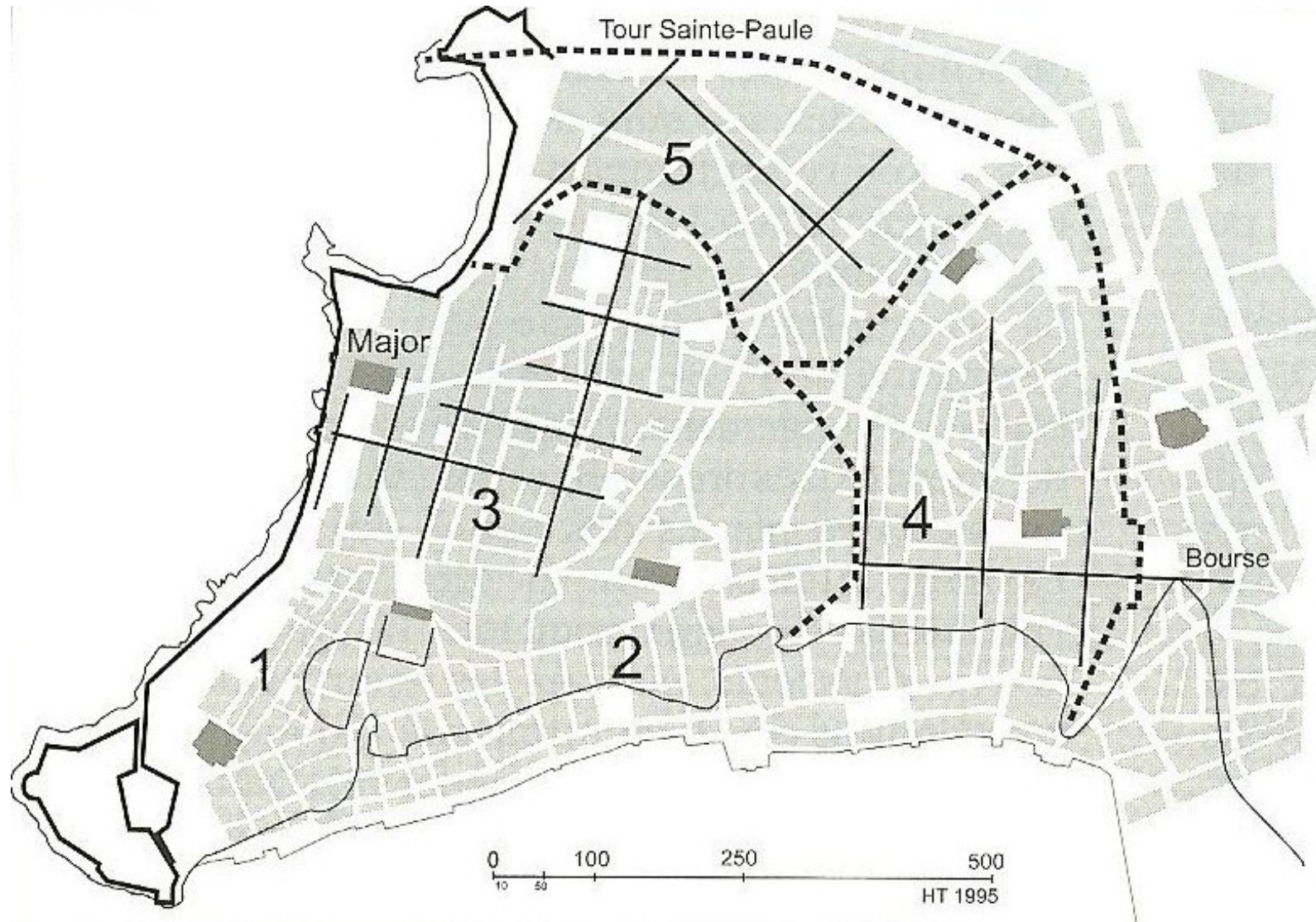


Figura 01: Mapa dos estabelecimentos do Sul da Gália, de acordo com Michel Py, CNRS, 1993.

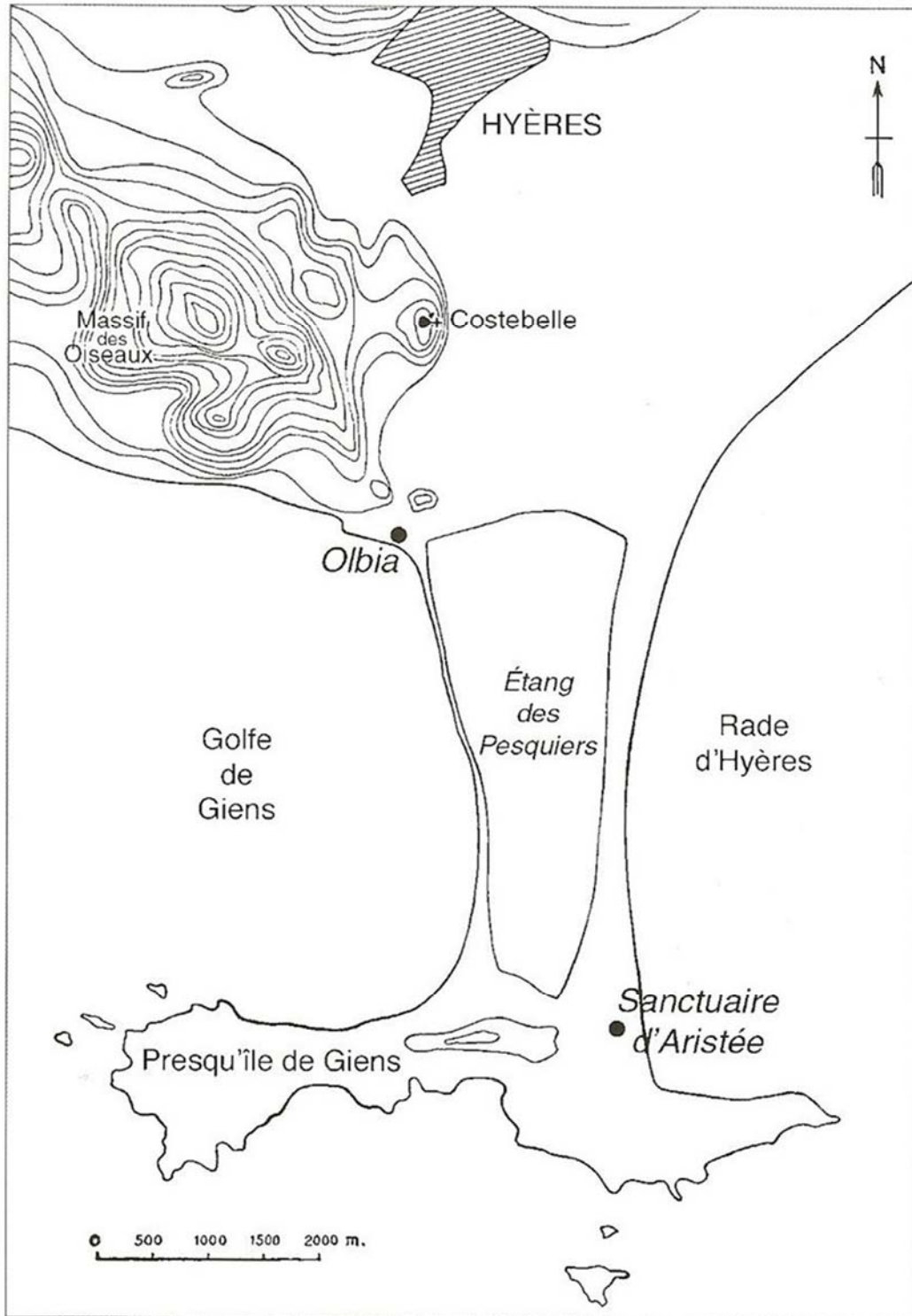




**Figura 02:** Malha urbana de Marselha, representando os cinco sistemas de orientação viária, de acordo com M. Moliner. Fonte: ROTHÉ, Marie-Pierre TRÉZINY, Henri [et al.]. *Carte Archéologique de la Gaule. 13 :3. Marseille et ses alentours.* Paris : Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2005.

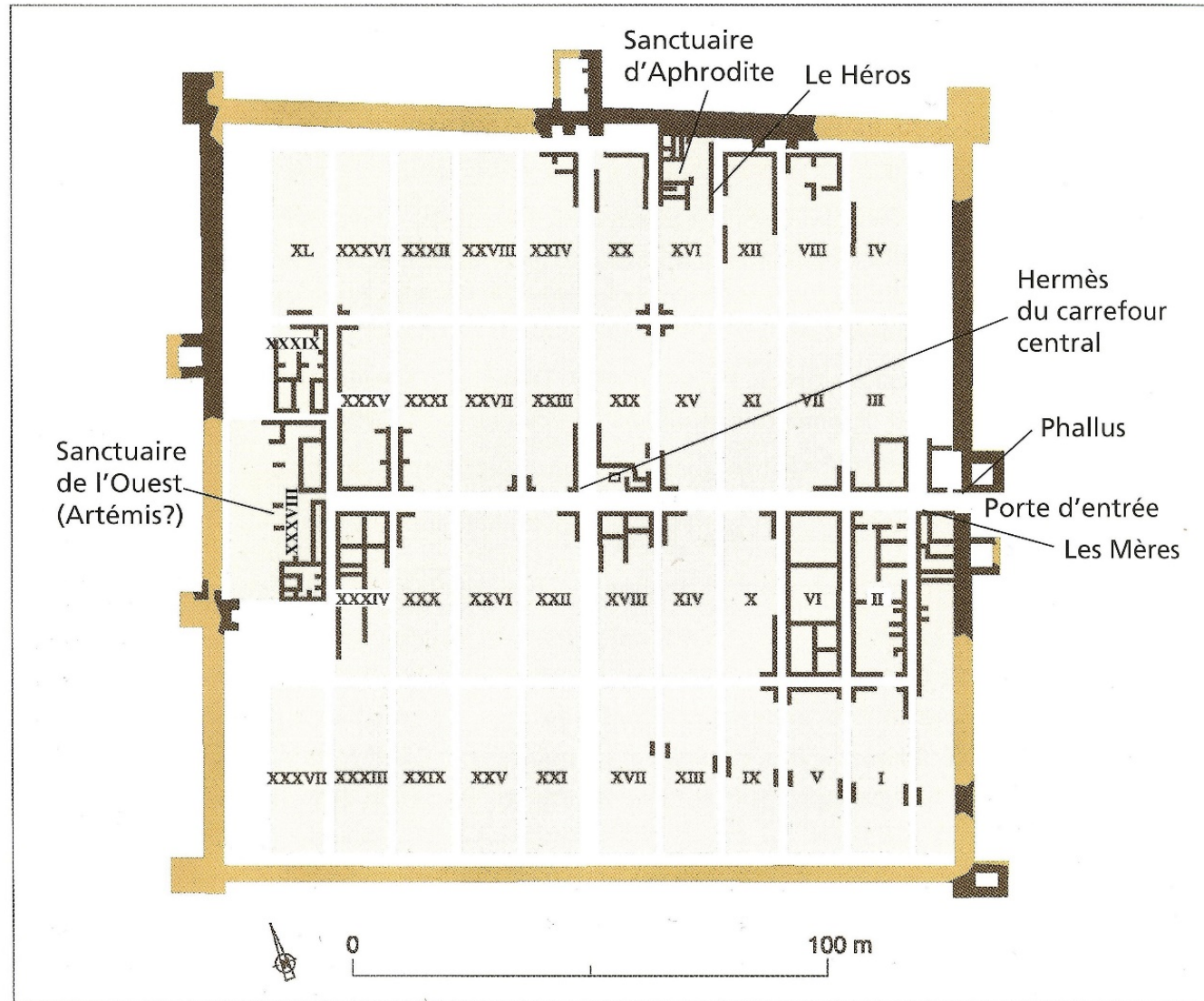


**Figura 03:** Maquete de Marselha na época helenística, de acordo com H. Treziny e A. Hermary. Museu de História de Marselha. Fotografia: Réveillac, Centre Camille Jullian, Université Aix-Marseille, CNRS.



**Figura 04:** Localização de Ólbia da Provença. Fonte: ROURE, Réjane; PERNET, Lionel. *Des rites et des hommes. Les pratiques symboliques des Celtes, des Ibères et des Grecs en Provence, en Languedoc et en Catalogne.* Paris : Errance, 2011, n. 267 (“Situação Geográfica do sítio de Acapte”).





**Figura 05:** Mapa de Ólbia. Fonte: ROURE, Réjane ; PERNET, Lionel. Des rites et des hommes. Les pratiques symboliques des Celtes, des Ibères et des Grecs en Provence, en Languedoc et en Catalogne. Paris : Errance, 2011.





**Figura 06:** Oficina de ferreiro da casa a Norte da quadra VI datando da fundação de Ólbia. Fonte: BATS, Michel et al. « Les artisans de l'îlot VI à Olbia de Provence (Hyères, Var) ». IN: BRUN, Jean-Pierre. Artisanats antiques d'Italie et de Gaule. Mélanges offerts à Maria Francesca Buonaiuto. Naples : Centre Jean Bérard, 2009, p.199-202.)

---

Recebido em: 28/06/2017

Aprovado em: 12/09/2017

Publicado em: 24/06/2018

Submitted in: 28/06/2017

Approved in: 12/09/2017

Published in: 24/06/2018

---